



A FLUÊNCIA EM LEITURA DE ALUNOS DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: um estudo comparativo

Síria Carinhanha Pires da Silva¹

Nayra Beatriz Félix Santos²

Claudionor Alves da Silva³

Jussara Vieira Dias⁴

Eixo temático: 8. Alfabetização e modos de aprender e de ensinar

Resumo: Este trabalho tem como objetivo diagnosticar o nível de fluência em leitura dos alunos do 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal de Vitória da Conquista, Bahia. Essa investigação faz parte do Programa de Residência Pedagógica, subprojeto de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e utiliza uma abordagem qualitativa, com atividades diagnósticas como instrumento de coleta de dados, a fim de compreender melhor o nível de fluência de leitura dos alunos. Assim, o trabalho foi desenvolvido com os alunos de duas turmas do 5º ano do ensino fundamental. Na conclusão constatamos que os alunos da turma A apresentam um nível semelhante de fluência entre si e bem diferente dos alunos da turma B, que apresentam uma discrepância entre o nível de fluência e o ano de escolaridade. No entanto, é válido ressaltar que, ao considerar que toda criança aprende, consideramos também que todas elas possuem a capacidade de se tornarem fluentes em leitura.

Palavras-chaves: Alfabetização; Fluência leitora; Níveis de compreensão leitora.

Introdução

Os resultados das avaliações em larga escala, como o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) e o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), têm mostrado, nas últimas décadas, que os estudantes brasileiros enfrentam dificuldades na compreensão de textos simples. Essas avaliações diagnosticam o nível de leitura e escrita dos estudantes, contribuindo para a implementação de políticas públicas que buscam reverter

¹Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Contato: siriacarinhaha@gmail.com

²Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Contato: nayrabeatriz155@gmail.com

³ Doutor em Ciências da Educação pela Universidade Nacional de Rosário, Ar. Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Contato: claudionor.silva@uesb.edu.br.

⁴ Mestre em Ensino (PPGE) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Contato: projussara@hotmail.com.

essa situação. No entanto, nos últimos anos, os sistemas de ensino têm se preocupado também com outra habilidade dos estudantes: a fluência leitora.

Diante do objetivo dessas avaliações de conhecer os níveis de aprendizagem dos estudantes para desenvolver intervenções pedagógicas, surge a seguinte questão: de que forma o conhecimento do nível de fluência leitora contribui para que os professores possam desenvolver a intervenção pedagógica visando a melhoria desse nível? Portanto, o objetivo deste trabalho é diagnosticar o nível de fluência em leitura dos alunos do 5º ano do ensino fundamental. É importante dizer que este trabalho vem sendo desenvolvido no contexto do Programa Residência Pedagógica, subprojeto de Pedagogia, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), espera-se que os estudantes do 5º ano do ensino fundamental tenham adquirido as habilidades básicas de leitura. No entanto, é importante considerar que nem todos os estudantes estão no mesmo nível de desenvolvimento cognitivo, o que indica que nem todos construíram os mesmos conhecimentos. Cada aluno se encontra em um determinado nível de aprendizagem e, conseqüentemente, de compreensão leitora.

Além disso, é necessário considerar que há estudantes que enfrentam dificuldades de aprendizagem, bem como aqueles que, devido a questões socioeconômicas, não tiveram as mesmas oportunidades de acesso a recursos fundamentais para o aprendizado da leitura, como um ambiente propício. Isso não significa que crianças pobres, que vivem em ambientes desfavoráveis e não possuem incentivos para a leitura, não possam aprender. Para essas crianças, a escola deve oferecer um suporte ainda maior, considerando que a escola é o único espaço de acesso à leitura para elas.

Para Cagliari (1989), a leitura é uma habilidade que precede a escrita. Portanto, é muito mais importante ler do que escrever. Muitas pessoas podem viver sem escrever, mas não podem viver sem ler. No entanto, o processo de escolarização tende a dar mais destaque à escrita do que à leitura, pois as escolas sabem avaliar os acertos e erros na escrita, mas muitas vezes não possuem estratégias eficazes para aprimorar a habilidade de leitura dos alunos.

Algumas das principais habilidades de leitura esperadas dos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental incluem a capacidade de ler textos mais complexos e variados, de diferentes gêneros, compreender as ideias principais do texto e ser capaz de atribuir significado a partir do contexto, identificar recursos linguísticos e reconhecer diferentes pontos de vista.

Assim, seguem os aportes teóricos que fundamentam este trabalho.

2 Fundamentação teórica

O desenvolvimento da capacidade de comunicação dos alunos é o que se espera deles desde os anos iniciais de escolarização, em particular na área da linguagem. Tal desenvolvimento se dá a partir do domínio da linguagem oral e escrita, visto como fator indispensável para que o sujeito se insira no meio social. Sendo essa a premissa, a escola tem, então, o dever de ensinar a todas as crianças não só a ler e a escrever, mas também expressar-se oralmente nas diversas situações em que isso seja necessário. Considerando as demandas da vida contemporânea, o ato da leitura não deve mais ser visto nem realizado como atividade exclusiva do/no contexto escolar. A exigência passa a ser que a escola encontre caminhos para promover um ensino e desenvolvimento de práticas sociais de leitura, que sejam constantes.

Esses argumentos nos direcionam para a discussão da leitura e do leitor proficiente. Trata-se da fluência em leitura, da leitura realizada sem esforço, que facilita a compreensão dos textos por meio da pronúncia e entonação corretas das palavras. Por isso, ler fluentemente é uma atividade essencial para o êxito na escola e na vida profissional e pessoal. Daí a importância de melhorar a fluência na leitura, o que é um desafio, não só de todos os estudantes, mas de todos os atores sociais.

Apesar de a fluência leitora ter começado recentemente a ser estudada sob uma nova perspectiva, nas décadas de 1980 e 1990, já se levantava a necessidade de rever a concepção sobre o papel da fluência na leitura. Até então, a fluência não havia sido objeto de atenção especial por ser concebida apenas como leitura rápida e boa expressão oral, ou seja, como um epifenômeno. Não parecia relacionado, pelo menos até agora, à compreensão. Mudanças de perspectiva ocorreram com estudos mostrando que a fluência era uma pré-condição necessária para uma boa compreensão (Laberge & Samuels, 1974).

O aprendizado e desenvolvimento da leitura é um tema bastante complexo e multifacetado e, por isso envolve diversos e distintos elementos. Em função disso, surgiram vários modelos de leitura acerca do ato de ler. Aqui, destacam-se três modelos de leitura, fundamentados por preceitos cognitivos: o modelo descendente (ou top-down), abordado por Goodman (1985); o modelo ascendente (ou bottom-up), defendido por Gough (1972) e o modelo interativo, defendido por Rumelhart (1977).

A fluência em leitura é hoje um aspecto básico em seu ensino e tem dado lugar a importantes desenvolvimentos teóricos e didáticos. Um leitor fluente mantém essa habilidade durante períodos de prática e pode generalizar para os distintos textos. A fluência leitora é uma atividade que define os bons leitores.

A fluência leitora tem sido adotada na escola e isso é motivado tanto pelo uso social quanto o pessoal que se tem feito da leitura. Quando necessário, as pessoas que sabem ler, leem para os analfabetos, o que era comum há certo tempo, em função do número limitado de pessoas que sabiam ler. Desaparecida a necessidade de leitura para informar a outras, se destacou a importância da leitura individual silenciosa, isto é, a popularização da leitura, excluindo a prática da leitura oral para informar aos outros.

Por muito tempo, acreditou-se que o aprendizado da leitura se limitava à decodificação. Nas últimas décadas, no entanto, tem se concluído que um dos componentes críticos da aprendizagem da leitura é a fluência. Não basta decodificar e compreender, é preciso ter fluência leitora. Afinal, a leitura pouco fluente pode comprometer o processo de compreensão, isto é, ler sem fluência influencia negativamente a compreensão do texto.

A realidade acerca da fluência leitora na escola atual que temos mais próxima, que se reflete às atividades didáticas contidas nos materiais curriculares e a prática habitual das aulas, nos fala da falta de sistematicidade nas atividades como consequência de uma conceitualização deficiente da fluência leitora.

A partir disso, pode-se dizer, por um lado, que a fluência em leitura tem sido entendida como um aspecto da leitura oral, o que define a fluência como a habilidade para ler um texto com rapidez, precisão e expressividade e, por outro lado, se tem pensado que a compreensão leitora requer que os sujeitos leem com fluência (em caso, não seria possível a atividade compreensiva).

Com base em observações ao longo da experiência docente, acredita-se que seja impossível a um aluno que dedique seu esforço de leitura a decifrar as palavras a construir o sentido do texto. A fluência é, portanto, elemento básico para o alcance da compreensão leitora. Isso requer um descritor automático das palavras, o que se torna elemento básico da fluência é algo essencial para a leitura.

A fluência leitora é compreendida, de acordo com os aportes apresentados como um processo que inclui habilidades eficazes de decodificação que permitem ao leitor compreender o texto. Existe uma relação recíproca entre a decodificação e a compreensão. A fluência leitora se manifesta na leitura oral precisa, rápida e expressiva e é aplicada durante a compreensão leitora silenciosa. A sua avaliação costuma ser realizada principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental e toma como critério a velocidade da leitura, a expressividade, a habilidade de decodificar e compreender um texto ao mesmo tempo (Samuels, 2006).

3 Metodologia

Este estudo foi desenvolvido no âmbito do Programa Residência Pedagógica, no curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus Vitória da Conquista. Foi adotada uma abordagem qualitativa, na qual o pesquisador se envolve diretamente na pesquisa, buscando informações e propondo soluções.

Iniciou-se com a realização de uma pesquisa de campo e atividades diagnósticas para avaliar o nível de fluência dos alunos do 5º ano A e 5º ano B do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal de Vitória da Conquista, Bahia, seguida por entrevistas com as professoras responsáveis pelas turmas. A proposta foi realizar um estudo de caso comparativo em relação à fluência leitora dos alunos.

O perfil dos alunos das duas turmas é bastante divergente: a maioria dos alunos do 5º ano A está em níveis coincidentes de leitura, que aproximam do que se espera para o ano de escolaridade e os alunos do 5º ano B estão em estágios iniciais em relação à leitura, apresentando, assim, um desempenho inferior ao esperado para o ano de escolaridade.

Outro aspecto chama a atenção em relação ao caso: o social. Os alunos da turma do 5º ano B são, em sua maioria negros e enfrentam situações de vulnerabilidade social, carência afetiva e são provenientes de família de baixa renda ou sem renda nenhuma, o contrário dos alunos da turma A, que apresentam características opostas em sua maioria.

A realização do diagnóstico para averiguar o nível de leitura e a fluência dos alunos se deu da seguinte forma: com o apoio do livro "Língua Portuguesa - Caderno de Fluência - 5º ano", foi feita a leitura de um texto por cada aluno, individualmente, e após a leitura eram feitas questões de interpretação e compreensão do texto. Por sua vez, com os alunos do 5º ano B dada às dificuldades de leitura enfrentadas pelos alunos, foram desenvolvidas atividades específicas, por meio de textos menores extraídos do mesmo livro. Cada aluno deveria realizar a leitura de frases do texto selecionado. Em seguida, cada aluno foi desafiado a produzir frases com palavras relacionadas ao que tinham lido e ainda a formar palavras a partir das letras móveis disponibilizadas.

Essas atividades foram planejadas com o objetivo de estimular a leitura, a compreensão e a produção de textos pelos alunos. Ao envolvê-los em atividades práticas, interativas e lúdicas espera-se promover o desenvolvimento das habilidades de leitura, bem como aumentar o interesse e a motivação destes alunos.

4 Resultados e Discussão

Com base nas atividades diagnósticas, constatou-se que a maioria dos alunos da turma A apresenta um nível adequado para o ano de escolaridade. Eles demonstram boa fluência leitora e compreensão, além de interesse pelas atividades propostas. Alguns alunos

mostram habilidades específicas, como uma boa atenção às pontuações e uma boa entonação de voz durante a leitura. No entanto, observou-se que alguns alunos enfrentam dificuldades em projetar a voz, o que resulta em uma leitura inibida. Para ajudá-los a desenvolver essa habilidade, foram oferecidos estratégias e exercícios, como práticas de respiração e vocalização, a fim de melhorar a projeção vocal durante a leitura.

Por sua vez, os alunos da turma B apresentam uma defasagem em relação à leitura e, conseqüentemente, à fluência e compreensão. Enquanto alguns alunos demonstram possuir as habilidades e competências esperadas para o 5º ano, outros enfrentam grandes dificuldades com sílabas complexas, realizando uma leitura silabada e encontrando dificuldades na compreensão de enunciados longos. Além disso, esses alunos têm dificuldade em memorizar o som e a grafia das letras. Uma questão adicional observada é que a pontuação e a entonação em cada parágrafo também não são realizadas adequadamente pelos alunos, pois sua preocupação principal está em decodificar cada símbolo.

Entretanto, foi observado que, em alguns momentos, quando fornecíamos apoio e reflexões durante a leitura, os alunos se sentiam menos inibidos e a leitura ocorria de forma mais espontânea. Isso ressalta a importância de oferecer suporte adequado e incentivar a reflexão durante o processo de leitura, a fim de promover uma maior fluência e compreensão dos textos.

Partindo do diagnóstico realizado, foi possível perceber uma diferença de fluência entre as duas turmas. Enquanto a maioria dos alunos da turma A ler com fluência e compreende os textos, a maioria dos alunos da turma B apenas decodifica e ou lê de forma silabada. Para entender melhor os possíveis motivos para essa discrepância entre os alunos, em relação à fluência em leitura, bem como entender o perfil de cada turma, foi realizada uma entrevista com as professoras das duas turmas.

A professora do 5º ano A acredita que a diferença entre as duas turmas, em relação à fluência leitora, pode estar relacionada a fatores sociais, como a falta de acompanhamento da família. Ela também ressalta que as crianças vêm de um contexto social fragilizado e que já apresentavam essas diferenças no ano anterior. Por sua vez, a professora da turma B acredita que essa diferença já vem dos anos anteriores, devido à aprovação automática que ocorreu durante a pandemia. Segundo ela, os alunos não tiveram muitas cobranças por não terem aulas presenciais, e as famílias não contribuíram tanto com a formação desses alunos. A professora afirma ainda que os alunos foram sendo aprovados sem desenvolver as habilidades básicas de leitura.

De fato, é preciso levar em consideração que os dois anos anteriores foram afetados pela Pandemia da Covid-19. Os resultados apresentados pelos alunos devem ser analisados levando em consideração o tempo de afastamento social, já que as escolas ficaram fechadas

por quase dois anos letivos. Esse período prolongado de distanciamento teve um impacto significativo no rendimento acadêmico dos alunos, o que deve ser considerado ao avaliar os resultados.

5 Considerações Finais

O incentivo à leitura é uma atividade necessária, ainda que não suficiente para desenvolver a aprendizagem, ampliar o conhecimento, aprimorar as habilidades de comunicação e estimular a criatividade. As crianças se inspiram nos modelos de leitores aos quais estão expostas, e muitas vezes esses modelos estão presentes apenas no ambiente escolar, no qual os professores desempenham um papel crucial na leitura. No entanto, é importante ressaltar que o incentivo à leitura não deve se restringir apenas ao ambiente escolar.

Por isso, a escola deve buscar equilibrar o ensino da escrita e da leitura, reconhecendo a importância de ambas as habilidades. É essencial promover um ambiente leitor, com acesso a uma variedade de materiais, como livros, revistas, jornais e recursos digitais, que permitam aos alunos explorar diferentes gêneros textuais e desenvolver suas habilidades de leitura de forma prazerosa e significativa.

Com base neste estudo, destaca-se a importância de adaptar as atividades de acordo com as necessidades específicas dos alunos. Ao proporcionar atividades mais acessíveis e alcançáveis, é possível despertar maior interesse e motivação por parte dos alunos, estimulando-os a avançar em suas habilidades de leitura. A importância do trabalho lúdico também foi evidenciada, pois durante o desenvolvimento das atividades diagnósticas, a utilização de recursos lúdicos envolveu muito mais as crianças.

Assim, conclui-se que a escola e os professores têm um grande desafio se o propósito for desenvolver a fluência leitora dos alunos para que eles consigam compreender e interpretar textos compatíveis com o grau de escolaridade em que eles se encontram. Ainda que a maioria dos alunos de uma turma tenha um bom desempenho, o trabalho da escola deverá estar voltado para todos os alunos, que devem atingir os níveis adequados de leitura e compreensão dos variados tipos de textos.

Referências

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 10/04/2023.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Linguística.** São Paulo: Scipione, 1989.

GOODMAN, K. Unidade em leitura. In: SINGER H. & RUDDLELL, R. B. Modelo teórico e processos de leitura. Newark Delaware: Associação Internacional de Leitura, 1985, p.813-840. Título original: Unity in reading. In: SINGER H. & RUDDLELL, R. B. Theoretical model and processes of reading. Newark Delaware: Internacional Reading Association, 1985, p.813- 840. E-book (813-840p.). Disponível em: Acesso em: 13 de abril de 2023.

LABERGE, D., & SAMUELS, S. J. **Toward a theory of automatic information processing in reading.** Cognitive Psychology, 6(2), 293-323. Doi: 10.1016/0010-0285(74)90015-2, 1974.

GOUGH, P. B. Um segundo de leitura. Em: KAVANAGH, J. F. e MATTINGLY, I. G. (orgs). Linguagem de ouvido e de olho. Cambridge: MIT Press, 1972, p. 353-378). Título original: One second of reading. In: KAVANAGH, J. F. & MATTINGLY, I. G. (orgs). Language by ear and by eye. Cambridge: MIT Press, 1972, p. 353-378. E-book (353-378.). Disponível em: Acesso em: 15 de maio de 2023.

RUMELHART, D. E. **Para um modelo interativo de leitura.** In: DORNIC, S. Atenção e desempenho VI. Hillsdale, N. J .: Erlbaum, 1977, p. 575-603. Título original: Toward an interactive model of reading. In: DORNIC, S. Attention and performance VI. Hillsdale, N. J.: Erlbaum, 1977, p. 575-603. E-book (575-603p.). Disponível em: Acesso em: 08 abril de 2023.

SAMUELS, S. J. **Toward a model of reading fluency.** Em S. J. Samuels & A. E. Farstrup (Eds.), What research has to say about fluency instruction (pp. 24-46). Newark: International Reading Association, 2006.